

Para Bacha, só criou atritos

RIO
AGÊNCIA ESTADO

A moratória do pagamento dos juros da dívida externa serviu somente para criar atritos para o Brasil, pois diminuiu as linhas de crédito para exportação e dificultou o relacionamento internacional do País, embora tenha sido inevitável sua decretação pelo governo brasileiro.

Ao manifestar essa opinião, o economista Edmar Bacha, professor do curso de pós-graduação em economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-RJ), assinalou que o Brasil desperdiçou a oportunidade criada pela moratória para apresentar aos credores uma proposta econômica consistente de estabilização da economia e desenvolvimento de recursos externos.

"O governo brasileiro mostrou-se incapaz de definir uma estratégia de negociação com os credores, visando a diminuir a transferência de recursos para o Exterior", assinalou Bacha, acrescentando que, "se o governo possui aquela estratégia eu a desconheço completamente".

Segundo Bacha — um dos articuladores do Plano Cruzado — perdeu-se um tempo precioso para encaminhar o problema da dívida externa, em parte por causa da personalidade

do ex-ministro da Fazenda, Dílson Funaro, e em parte devido à crise econômica interna.

"O ex-ministro Funaro recusou-se a sentar à mesa de negociações com os bancos credores, esperando não sei bem o quê", disse Bacha, para quem o governo brasileiro deixou de fazer uma avaliação interna para saber o que convinha ou não ao País para negociar com os credores externos. Para o professor da PUC-RJ, pode-se imaginar, para justificar a inação do governo, que estaria em curso uma estratégia de maior confronto com os credores, dobrando-a "parada da moratória", de forma a estendê-la também aos bancos oficiais que integram o Clube de Paris.

A moratória brasileira, segundo Bacha, produziu ótimos resultados para a Argentina, Filipinas e México, que fecharam acordos favoráveis com seus credores diante da ameaça de seguir o exemplo do Brasil.

"Agora, como o estrago está feito, devemos apressar os entendimentos com o Clube de Paris a fim de fechar acordo com os bancos oficiais até o final deste ano, bem como acelerar o desembolso dos empréstimos com o Banco Mundial e aí decidir se vamos ou não recorrer ao Fundo Monetário Internacional", disse.